



## RESENHA

**A pressão como metáfora, a etnografia como experiência**

**FLEISCHER, Soraya. *Descontrolada: uma etnografia dos problemas de pressão*. São Carlos: EDUFSCar, 2018.**

Wertton Matias

Mestrando em Antropologia pelo PPGAS/UnB. Brasil.

Email: [wertton@gmail.com](mailto:wertton@gmail.com)

Mónica Franch

Professora do Departamento de Ciências Sociais da UFPB. Brasil.

Email: [monicafranchg@gmail.com](mailto:monicafranchg@gmail.com)

**Áltera**, João Pessoa, v. 1, n. 10, p. 484-491, jan./jun. 2020

ISSN 2447-9837

Durante oito longos anos, a antropóloga Soraya Fleischer, acompanhada de estudantes dos cursos de Saúde Coletiva e de Antropologia da UnB, mergulhou no universo social do bairro da Guariroba, na Ceilândia, no Distrito Federal, em busca de compreender os processos de adoecimento e cuidado de pessoas com pressão alta. O resultado desse empreendimento antropológico é o livro *Descontrolada: uma etnografia dos problemas de pressão*, e a escolha da definição nativa “problemas de pressão”, ao invés da classificação nosológica “Hipertensão Arterial Sensível” (HAS), está longe de ser um detalhe. Essa opção dá conta do esforço da autora em se aproximar das trajetórias de vida e de adoecimento de suas interlocutoras<sup>1</sup> na lida diária com “Ela” – a pressão alta –, de modo a construir uma reflexão antropológica das “doenças compridas”, contraposta à perspectiva biomédica dos adoecimentos crônicos.

Professora associada do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília desde 2009, Soraya Fleischer é pesquisadora na área da antropologia da saúde, com interesse especial nos adoecimentos de longa duração e foco na saúde pública, na atenção primária e no Sistema Único de Saúde (SUS). Sua vasta produção tem trazido elementos relevantes para pensar questões éticas e metodológicas na construção do conhecimento antropológico, reflexões que se fazem presentes, também, em *Descontrolada*.

Tecendo constantemente relações com diversos campos de estudo da antropologia e adotando um modo leve de escrever, mesmo quando envereda por discussões teóricas complexas, Fleischer discorre sobre a proximidade entre os estudos sobre pressão e aqueles sobre envelhecimento – tratar de uma das áreas é falar, também, da outra.

Além disso, a banalização da vida e do adoecimento, esclarecida através dos problemas de pressão, é um dos pontos principais do livro, e vai se tornando visível no que a autora chama de *mundo social dos problemas de pressão*. E é nesse mundo que Fleischer passa por questões centrais à antropologia, criticando a miopia das produções científicas que não envolvem perspectivas sócio-políticas para discutir saúde e focam, apenas, no discurso patológico. Como esclarece Marilyn Nations no imprescindível prefácio do livro, o viés crítico em relação aos novos rumos epistemológicos da área biomédica é uma das principais contribuições de *Descontrolada*.

---

<sup>1</sup> A opção pelo gênero feminino, que também seguiremos nesta resenha, é explicitada pela autora pela significativa preponderância de mulheres no campo de pesquisa.

O capítulo inicial, intitulado “Destino Ceilândia: Os caminhos e os percalços na construção de dois problemas”, apresenta o conjunto de conceitos e cenários que contribuíram para o desenvolvimento e o caminhar da pesquisa, desde o processo de abertura para se chegar ao campo, até o modo como a pesquisadora conheceu suas interlocutoras e formulou os principais problemas de sua investigação. É logo na primeira página de seu texto que conhecemos “Ela”, a personificação em feminino dos problemas de pressão: “Ela era forte. Ela subia. Ela ficava alterada. Ela teimava. Ela ficava braba” (2018, p. 23). *Bicha braba*<sup>2</sup>, aliás, é o título do filme etnográfico dirigido pela autora, no qual foram introduzidas algumas das premissas posteriormente desenvolvidas em *Descontrolada*.

A parte central do primeiro capítulo é dedicada à reflexão sobre os oito anos de trabalho de campo no bairro da Guariroba e à apresentação dos encontros, aprendizados e estratégias de uma pesquisa etnográfica envolvendo questões de saúde – que pressupõe o sempre presente “controle das impressões”, para citar a conhecida expressão de Berreman (1990). Fleischer descreve, então, como se aproxima das pessoas, do seu modo de compreender o mundo e da própria arquitetura do bairro, através de diálogos no metrô e em outros modos de transitar pela cidade, que não o automotivo: “Era a dimensão da passada humana e não da quilometragem automobilística que eu desejava em minha aproximação com o bairro” (2018, p. 35). Além de sua relevância para o debate metodológico, os apontamentos de Fleischer testemunham o impacto positivo que a expansão das universidades públicas a partir do REUNI<sup>3</sup> tem acarretado, não apenas no que se refere à formação de estudantes, mas também à produção de conhecimento sobre contextos e realidades outrora desconhecidos.

No segundo capítulo, “Da Roça à cidade: A Guabiroba, suas ruas, suas casas, suas famílias”, a autora discute como as interlocutoras se localizam no campo social. Para isso, faz um recorte de suas histórias de vida, enfatizando a heterogeneidade

<sup>2</sup> *Bicha braba*. Direção: Soraya Fleischer. Produção: IRIS (Laboratório de Imagem e Registro de Interações Sociais) e DAN (Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília). Documentário, 2015.

<sup>3</sup> O REUNI – Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais Brasileiras foi criado no final do primeiro mandato do Presidente Lula. A própria autora descreve sua experiência como antropóloga em um curso de saúde coletiva em Fleischer (2011).



dos caminhos que essas pessoas traçaram até estarem hoje na Guariroba, uma localidade que diverge do Brasil rural e para onde convergiram suas trajetórias de migração, iniciadas, na sua maioria, no Nordeste do país.

O bairro da Guariroba, cujo planejamento data dos anos 1960, e ao qual se pode perfeitamente aplicar a expressão “tão perto e tão longe” do Plano Piloto, é ao mesmo tempo contexto, parte e metáfora das transformações vividas pelas pessoas que ali chegaram – mudanças partilhadas com a antropóloga e sua equipe. É falando do bairro que se fala da vida, e é percorrendo o espaço que se recia o tempo, nesse relato que põe em evidência a importância da narrativa na construção da subjetividade: “aprendi que fazer o espaço e contá-lo ao longo do tempo era também fazer a si mesma e perceber-se neste ato de contar” (2018, p. 88).

A partir das narrativas das interlocutoras, podemos identificar como o espaço urbano da Guariroba se desenvolve no tempo, constituindo-se simultaneamente à vida das interlocutoras, pontilhada por dificuldades e desafios. E é justamente no momento de tranquilidade que as doenças compridas começam a fazer parte do cotidiano dessas pessoas, marcadas por processos de saúde-doença que ultrapassam as barreiras dos consultórios e se firmam nos espaços de interações e relações sociais.

No terceiro capítulo, que tem por título “Os problemas de pressão: Entre os problemas da vida e os problemas do mundo”, Fleischer parte do pressuposto metodológico de fazer análise da pressão a partir de histórias de vida e não através da história da doença. Essa perspectiva nos permite entender a partir de experiências sociais um processo de adoecimento longo, que apresenta sintomas fisiológicos, mas que está imerso em uma realidade conflituosa, que abrange a intenção de garantir o controle da pressão.

É também nesse capítulo que fica evidenciada a necessidade da autora em “colar” nas suas interlocutoras para compreender os problemas de pressão, afastando-se desse modo das explicações biomédicas hegemônicas sobre a HAS, que se apresentaram, inicialmente, de modo autoevidente: “Um dos primeiros erros em campo foi associar rápido demais pressão alta à doença definida no Código Internacional de Doenças (CID) como ‘hipertensão arterial sensível’” (p. 89). Esse processo de descoberta de Fleischer sobre como as nativas identificam seus processos de

adoecimento é o que ela chama de *alfabetização cultural*, e lhe proporciona a identificação de categorias nativas que dão base à pesquisa.

Graças a essa descoberta, fatores relacionados a questões geracionais e aos “problemas de vida” estão bastante presentes no livro, o que caracteriza a pressão como uma doença intimamente ligada ao envelhecimento nessa realidade social, e também às dificuldades do dia a dia. Esses problemas geram o que a autora, fazendo eco de suas interlocutoras, chama de “pressão emocional”, caracterizada por subidas da pressão arterial em decorrência de situações que abalam emocionalmente essas pessoas e que mascaram dramas sociais – o que uma das interlocutoras chama de *problemas do mundo*. Tais dificuldades, muitas vezes apresentadas como problemas do nervoso, geram aumentos esporádicos da pressão, que só se tornam doença, nesse mundo social dos problemas de pressão, quando se apresentam de forma recorrente.

No quarto e quinto capítulos, Fleischer busca esmiuçar como as pessoas se apropriam do aparato do Estado para lidar com seus processos de adoecimento; e problematiza a relação entre a burocracia estatal e a biomedicina, bem como as implicações dessa relação para os processos de controle e cuidado. Para tanto, a etnografia se volta ao cotidiano dos pacientes do posto de saúde da Guariroba e a outros espaços de cuidado. Nesse ponto, passamos a conhecer o “postinho”, imerso numa complexa rede de serviços que nem sempre está tão acessível a quem a procura. Envolve por uma cultura da falta e atravessada por momentos de hostilidade na garantia do controle, a dinâmica observada nesse espaço resulta de um quadro de desmonte sistemático e histórico do Sistema Único de Saúde (SUS), o que ocasiona desorientação e estresse, que por sua vez reverberam na saúde de profissionais e usuárias. Fleischer nos conta as diversas estratégias que suas interlocutoras criam para garantir o controle da pressão – social e arterial –, palavra que ganha novos sentidos a cada página lida. Uma das medidas que o posto oferece é o *hiperdia*, que funciona como uma estratégia na garantia do cuidado através de grupos de apoio, e que por isso merece um olhar especial por parte da pesquisadora.

É central para esse estudo, portanto, situar como funcionam em conjunto as estratégias biomédicas do controle e o aparelho do Estado, garantidos pelo postinho



enquanto instituição. Essa relação suscita questionamentos a partir da sua correlação a um ciclo de dádivas, ou seja, reflete-se, no livro, sobre a manutenção de uma relação médico-paciente pautada na retribuição dos pacientes que aderem ao processo de cuidado. Essa dinâmica de controle responde a uma lógica moral, isto é, baseada na diferença que se faz entre boa e má paciente – tudo isso inserido numa compreensão do serviço público como secundário e complementar aos serviços particulares.

Ao trazer à tona essa lógica, Fleischer nos mostra como a ideia do cuidado se dá a partir do controle, e se mescla a uma experiência social do processo de adoecimento pautada no “saber navegar” pelo serviço público de saúde e por suas barreiras burocráticas na busca pela cura (que se traduz, no mundo social dos problemas de pressão, como controle: ser “12 por 8”). Em “A lógica do controle”, como é nomeado o capítulo cinco, percebe-se o choque entre a compreensão fisiológica da doença, dada pela biomedicina, e a experiência social das usuárias. Fica muito bem caracterizada a sobrecarga jogada sobre os ombros das pacientes, perceptível a partir de diversos fatos etnográficos que desnudam a “sociedade do controle”; assim, produzem-se subjetividades por meio da responsabilização individual do sucesso terapêutico, da disciplina na alimentação, dos indicadores pressóricos e da realização de atividades físicas. É através de *smiley faces* em prontuários, de castigos, ou por vezes pela “ajuda” de profissionais, que vamos descobrindo como ocorrem as “disciplinas dos corpos” naquele postinho, na garantia do controle.

Na conclusão, Fleischer analisa, por fim, o cuidado fora das instituições do Estado e dentro dos espaços domésticos, na casa das pacientes, momento tido pela biomedicina como o espaço para o *dever de casa* dos ensinamentos médicos. Em “Remédios, comidas, números e gente danada”, Fleischer foca em quatro categorias estruturais do cuidado da pressão, compreendendo como este é atravessado por trajetórias de vida: descobrimos como se dá a administração da alimentação em casa; de que maneira o esfigmomanômetro se faz presente no cotidiano dessas pessoas; qual é a importância das relações sociais estabelecidas pela vizinhança na garantia do cuidado – por vezes perceptível através da *fofoca*, que se apresenta como forma de cuidar; e quais são as responsabilidades morais da família na garantia do cuidado. Aborda-se, ainda, como a medição dos índices pressóricos se articula com um uso

continuado e personalizado da medicação. Fleischer constrói, desse modo, uma etnografia que traz ao centro da análise dos problemas de saúde os sujeitos adoecidos, inseridos no mundo biomédico, que cada vez mais os sobrecarrega na garantia da domesticação dos corpos e pauta uma compressão social dos contextos de adoecimento.

Por fim, a autora encerra seu livro repensando o título: vê a dança do forró como metáfora das experiências de vida e dos itinerários terapêuticos das pessoas com pressão alta, no complexo contexto do mundo social dos problemas de pressão. *Descontrolada*, nesse cenário, não é apenas a pressão, mas também se refere ao pos-tinho, às profissionais de saúde, à sala de acolhimento (p. 245) e a tudo que compõe esse mundo.

A panela de pressão (que ilustra, inclusive, a parte interna da capa do livro) pode até ser o símbolo mais adequado às experiências narradas por Fleischer, mas certamente não representa a feitura desse livro, pacientemente cozinhado a fogo baixo, potencializando assim os sabores e os aromas de uma boa etnografia.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos imensamente à EdUFSCar pelo envio do livro aqui resenhado.



## REFERÊNCIAS

BERREMAN, Gerald. Etnografia e controle de impressões em uma aldeia no Himalaia. In: ZALUAR, Alba (Org.). **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1990, p. 123-174.

Recebido em: 28/06/2020.  
Aceito para publicação em: 27/07/2020.

